



5177 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS DO CAMPO: UM ESTUDO A PARTIR DA GRAMÁTICA DAS CULTURAS DA INFÂNCIA
 Yamilli Karen Rodrigues de Pinho da Matta - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS DO CAMPO: UM ESTUDO A PARTIR DA GRAMÁTICA DAS CULTURAS DA INFÂNCIA

RESUMO

Esta pesquisa em andamento propõe problematizar as reflexões teóricas propostas por Sarmiento (2004), acerca da gramática das culturas da infância, na perspectiva das crianças moradoras no campo. Em diálogo com as contribuições da historiografia da infância (ARIÈS, 1986), da sociologia da infância (SARMENTO, 2004; CORSARO, 2011), da antropologia da infância (COHN, 2005) e da geografia da infância (LOPES, 2018), pretende-se investigar como a gramática das culturas da infância revela o lugar social que as crianças constroem por meio das suas experiências dentro e fora da instituição de educação infantil. Com o objetivo de realizar uma pesquisa em companhia das crianças, optamos pela etnografia como metodologia e como campo de pesquisa privilegamos uma classe de educação infantil multisseriada, em uma instituição pública de ensino, localizada no contexto rural do município de Guarapari/ES. Analisar as culturas infantis, por meio de sua gramática, pode se constituir em um importante objeto para compreender o lugar social que as crianças constroem, por meio de suas culturas de pares.

Palavras-chave: Culturas infantis. Gramática das culturas da infância. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

As crianças e suas culturas emergem como um interessante objeto de estudo, que apesar de na contemporaneidade já possuir um volume considerável de pesquisas que orbitam em torno dessa temática, ainda se mostra um campo que necessita ser explorado, tendo em vista que por muito tempo a condição da criança, contribuiu para sua invisibilidade não somente nas discussões acadêmicas, como também no tecido social. Sarmiento (2004, p. 3), afirma que “[...] apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância, categoria social de estatuto próprio”, ou seja, segundo o autor, a ideia de infância é uma ideia moderna.

Ariès (1986), por meio da historiografia da infância, apontou a consciência social da existência da infância, como um constructo histórico, produto de um processo complexo de produção de representações sobre e para as crianças, o que nos faz perceber, que apesar das crianças lograrem certo reconhecimento, por muito tempo ainda permaneceram assumindo o papel de objeto e não de sujeito.

As mudanças sociais, próprias da contemporaneidade ou “2ª modernidade” (BECK, 1999), influíram diretamente na reconfiguração da normatividade da infância e ao contrário da ideia do desaparecimento da infância, tão vulgar nos discursos do senso comum - e presente até mesmo no meio acadêmico em um determinado período histórico, “entendemos que o que está desaparecendo ou sofrendo um grande processo de transformação é um determinado modelo de infância/criança” (SARMENTO; MARCHI, 2008).

Ao pensar acerca do suposto esgotamento do modelo ideal de criança e infância, cabe refletimos acerca das transformações ocorridas na 2ª modernidade, que mesmo em meio a essas circunstâncias controversas, nos tem revelado a pluralidade nos modos de ser criança, a heterogeneidade da infância, além do investimento das crianças em novos papéis e estatutos sociais (SARMENTO, 2004). Neste sentido “não seria a crise, mas o sucesso da ideia burguesa de infância que estariam produzindo as novas formas de ser criança na segunda modernidade”, conforme afirmam Sarmiento e Marchi (2008, p. 20).

As culturas infantis também são objeto de pluralização, contudo, Sarmiento (2004), aponta para existência de traços distintivos que configuram uma normatividade simbólica, ou seja, uma gramática própria das culturas da infância. Esta pesquisa em andamento propõe problematizar estas reflexões teóricas propostas por Sarmiento (2004), na perspectiva das crianças moradoras no campo e em diálogo com as contribuições da historiografia da infância (ARIÈS, 1986), da sociologia da infância (SARMENTO, 2004; CORSARO, 2011), da antropologia da infância (COHN, 2005) e da geografia da infância (LOPES, 2018), pretende-se investigar como a gramática das culturas da infância revela o lugar social que as crianças constroem por meio das suas experiências dentro e fora da instituição de educação infantil.

Para Graue e Walsh (2003, p. 25), “pensar nas crianças sem tomar em consideração as situações da vida real é despir de significado tanto as crianças como as suas ações”, deste modo, com o objetivo de realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, em companhia das crianças, optamos pela etnografia como metodologia. Como campo de pesquisa privilegamos uma classe de educação infantil multisseriada, com 13 crianças de 4 e 5 anos de idade, em uma instituição pública de ensino, localizada no contexto rural do município de Guarapari/ES. Para a observação das práticas cotidianas vividas fora da instituição escolar, convidamos as duas crianças que moram mais próximas da escola e para a interpretação e registro dos dados e acontecimentos, além da observação participante, rodas de conversas e brincadeiras,

utilizamos fotografias e diários de campo.

CULTURAS INFANTIS E A GRAMÁTICA DAS CULTURAS DA INFÂNCIA

O debate científico acerca das culturas infantis emerge como uma preocupação de estudos de diferentes áreas de conhecimento, especialmente as ciências sociais. As transformações oriundas da modernidade, agregada ao aprofundamento dos estudos acerca das sociedades, do homem e de seu comportamento social, na contemporaneidade, provocaram a ressemantização do conceito de cultura. Deslocando assim, a centralidade que estava na passividade no ser humano, como mero receptor da cultura, para que assumisse então, um papel ativo frente a ela, o de produtor. À medida que o ser humano é reconhecido como produtor, a cultura já não pode ser mais concebida como única e estática.

[...] ao invés de receptáculos de papeis e funções, os indivíduos passam a ser vistos como atores sociais. Se antes eles eram atores no sentido de atuar em um papel, agora eles o são no sentido de atuar na sociedade recriando-a a todo momento. São atores não por serem intérpretes de um papel que não criaram, mas por criarem seus papéis enquanto vivem na sociedade. (COHN, 2005 p. 20-21)

A partir dessa nova ótica, não foram somente às relações das pessoas com a cultura que ganharam outra conotação, o próprio conceito, parece se complexificar, frente a sua pluralização, resultante agora das várias vozes reconhecidas, sobretudo, como produtoras de cultura. A partir do reconhecimento que a cultura na contemporaneidade é produzida por diversos atores, no emaranhado de suas experiências em sociedade, de maneira dinâmica e múltipla, o uso da palavra cultura, agora consente ser flexionado no plural – *culturas*. Ao passo que podemos pensar na pluralização da cultura, começamos a identificar a heterogeneidade em seus atores. Desta forma, as crianças, assim como os adultos, também são consideradas como produtoras de culturas, isso significa que elas não só reproduzem as manifestações e representações do mundo dos adultos, mas são suficientemente capazes de elaborar e produzir culturas relativamente autônomas, por meio da interação com seus pares (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2004; COHN, 2005).

É importante ressaltar que “não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura façam superior a outras (SANTOS, 1987, p. 14-15). Cohn (2005, p. 33) complementa esta ideia, ao afirmar que “a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa: a criança não sabe menos, sabe outra coisa”.

À medida que a criança também é reconhecida como produtora de cultura, o interesse acerca das culturas produzidas por ela desponta, já que está imersa em uma cultura adulta. O conceito de *culturas infantis* ou *culturas de pares*, proposto por Corsaro (2011), refere-se às ações que as crianças compartilham, conforme seus modos próprios de interpretar e significar o mundo, se distinguindo então das ações e interpretações dos adultos. Neste sentido, ao propor este conceito, o autor, introduz os estudos sobre as crianças e a infância nessa reviravolta do debate acerca da cultura, trazendo para as ciências sociais a proposta de um novo paradigma, a construção social da infância.

Os contributos de diversas áreas do conhecimento, para os estudos acerca das crianças e suas culturas infantis, contribuíram para romper com a concepção de criança como fraca, frágil, incompleta e passiva, apostando na criança como sujeito ativo e participante nas relações sociais. Tendo em vista que a criança não é só mera receptora da cultura que a cerca, e sim uma “criança atuante” (COHN, 2005) nesse processo, se apropriando e reinterpretando seus elementos, por meio de suas interações com os outros e com o mundo, sendo assim produzida e produzindo culturas infantis.

Sarmento (2004) ao reconhecer a existência de traços distintivos das culturas da infância, enuncia a existência de um sistema simbólico, relativamente padronizado, denominado por ele de gramática das culturas da infância. Segundo o autor, esta gramática se exprime por meio das seguintes dimensões:

- Semântica: compreendida como “a construção de significados autônomos e, a elaboração de processos de referenciação e significação próprios”;
- Sintaxe: se refere “a articulação dos elementos constitutivos da representação, que não se subordinam aos princípios da lógica formal”;
- Morfologia: trata da “especificidade das formas que assumem os elementos constitutivos das culturas da infância: os jogos, os brinquedos, os rituais, mas também os gestos e as palavras”.

Sarmento (2004), também aponta para a interactividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração como eixos estruturantes das culturas infantis, que devem ser levados em consideração quando se pretende analisar a gramática das culturas da infância.

CONSIDERAÇÕES

Escutar o que as crianças moradoras do campo nos têm a dizer e como o fazem, são pistas valiosas que nos indicam que elas se expressam de uma maneira própria, por meio de uma cultura própria. Assim, analisar as culturas infantis, por meio de sua gramática, pode se constituir em um importante objeto para compreender o lugar social que as crianças constroem, por meio de suas culturas de pares, tarefa esta que se encontra em boa medida a ser realizada, haja vista o ainda escasso volume de pesquisas e publicações com esta abordagem.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1986.
- BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** Equívocos do globalismo. Respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel J. **A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- SARMENTO, Manuel José. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. In: Sarmento, M. J. E Cerisara, A. B. (orgs.). Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2004.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma sociologia da infância crítica**. Revista Configurações. Revista do Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho. n. 4, p. 91-113, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/36735>>. Acesso: 12 fev. 2019.
- SANTOS, José Luiz dos Santos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 1987.